

**Shelly
Johnson e o
namorado,
Aaron Cole, são e
salvo, na fazenda dos
pais dela, no Michigan.**




Coragem, vontade e força

**Quando
Aaron bateu com
a cabeça numa
pedra, sua
namorada precisou
fazer o impossível**

POR JOSHUA WOLF SHENK

FOTOGRAFADO POR TAMARA REYNOLDS



Aaron Cole não perdia uma aventura, e a namorada, Shelly Johnson, não conseguia se recusar a acompanhá-lo. De carro, em viagem de férias até o Parque Estadual Baxter, no Estado americano do Maine, o casal já havia parado para dar saltos-mortais num penhasco à beira de um lago. Quando viram a Silver Cascade, uma cachoeira de 180 metros na Cordilheira White Mountain, Aaron teve apenas um pensamento: *Vamos escalar.*

Era um dia ensolarado de agosto. O casal estava com os trajes de banho e de sandália. Rapidamente, já se agarravam às rochas dos dois lados da cachoeira.

A subida não foi nada fácil – algumas paredes verticais chegavam a uns cinco metros de altura. Um *site* de alpinismo adverte que essa cachoeira requer “uma combinação de pés seguros e nervos de aço”, antes de aconselhar claramente a não tentar escalar. Alpinista experiente, Shelly, 22 anos, ainda precisava da ajuda de Aaron, de 24. E, assim como em todas as escaladas de rochas, subir – com o terreno adiante bem visível – é a parte mais fácil.

Mas como vamos descer?, perguntava-se Shelly. Depois de uns 45 minutos de escalada, e não muito longe do cume, Aaron resolveu caminhar por

dentro da cachoeira, onde depararam com pedras cobertas de musgo. “Não, por favor”, pediu Shelly. Mas conhecia o namorado: sua preocupação só serviria de incentivo para ele. Não querendo lhe dar esse prazer, ela voltou.

Quando olhou para trás segundos depois, viu que Aaron caíra de costas, e que começara a deslizar pela ladeira escorregadia. A velocidade ia aumentando cada vez mais, e ele se inclinava na direção de uma queda profunda.

Shelly ficou olhando por um segundo, incrédula. E então despertou: “Role para o outro lado!” Esperava que Aaron conseguisse rolar para fora da forte correnteza e agarrar-se a uma das rochas mais secas próximas a ele.

Mas o namorado não conseguia se segurar em nada. Enquanto Shelly olhava, ele bateu violentamente com a cabeça numa pedra, e seu corpo ficou mole. Depois, desapareceu na queda-d’água.

Aaron e Shelly se conheceram no último ano do ensino médio, na Grass Lake High School, em Michigan. Os pais dele eram treinadores – o pai, de atletismo; a mãe, de animação de torcida. Começaram a namorar no semestre seguinte, quando Aaron foi ajudar o pai numa competição, servindo de árbitro no salto com vara, uma das modalidades praticadas por Shelly.

O namoro continuou na faculdade – Shelly cursa Enfermagem na Universidade de Michigan e Aaron Fonoaudiologia na Eastern Michigan University, que não fica distante. E faziam viagens frequentes, para pra-

ticar esqui aquático, esquiador na neve, cavalgar e acampar.

Sempre foi um relacionamento feliz, diz Shelly, mas só havia um problema: a fome de adrenalina de Aaron. “Estamos juntos há quatro anos e meio, e eu já não sei quantas vezes o levei ao hospital. Ele nunca me levou”, explica Shelly.

Shelly tinha visto Aaron cair de cavalos e da prancha de esqui na neve, mas esses acidentes não a prepararam para o que aconteceu na Silver Cascade. Depois de lutar para chegar à beirada e olhar, avistou o namorado deitado de bruços uns três metros abaixo, numa poça. Ele se sacudia em espasmos, e a poça estava vermelha de sangue.

Ela deveria tentar carregar

Aaron pelo caminho traiçoeiro?

Se ele tiver tido uma lesão na coluna, poderia ficar paralisado.

Shelly pulou na água, conseguiu virar o corpo de Aaron e arrastá-lo até um local seco. Ele não estava respirando, então ela o inclinou e aplicou respiração artificial, algo que aprendera nas aulas de ressuscitação cardiopulmonar mas que nunca fizera na vida real. Depois do quarto sopro, ele cuspiu água e seu peito começou a arfar. Voltou a si, mas logo desfaleceu outra vez.

Com Aaron já respirando, Shelly examinou os ferimentos. Alguns eram evidentes. Jorrava sangue de um corte

de cinco centímetros entre a sobrancelha esquerda e a testa. Na parte de trás da cabeça, havia um galo maior do que um ovo. Ele tinha também um corte profundo no antebraço.

Com o treinamento em enfermagem, Shelly sabia interpretar mais do que o óbvio. Os olhos de Aaron pareciam rolar dentro das órbitas, e as pupilas, ela se lembra, eram “minúsculos pontinhos pretos, como a ponta de uma caneta esferográfica” – sinais clássicos de traumatismo cranioencefálico.

Ela também via que o corte do braço estava perigosamente próximo à artéria radial. Se a tivesse atingido, Aaron podia morrer.

Os dois tinham deixado os celulares no carro, e não havia mais ninguém à vista.

Shelly, sabendo estar muito longe de qualquer ajuda, encarava uma decisão dolorosa. Devia, sozinha, tentar

transportar Aaron por aquela trilha traiçoeira? Se ele tivesse sofrido lesão na coluna, transportá-lo poderia fazer com que ficasse paralisado. Porém, se o deixasse ali, tinha certeza de que sangraria até morrer. *Não posso abandoná-lo aqui*, concluiu.

Shelly sabia que os ferimentos de Aaron precisavam de ataduras, mas não tinha nada além da roupa do corpo – um *short* preto de surfista e um biquíni. Primeiro, tirou o *short* e o amarrou ao redor da cabeça dele, como um tor-

niquete. Mas o que fazer com o corte do braço?

“Foi quando a parte superior do biquíni se mostrou útil”, explica Shelly. “E não pensei nem por um segundo que iriam me ver sem aquela veste. Numa situação dessas, a gente faz qualquer coisa. Se fosse preciso, eu também tiraria a parte de baixo.”

Ela se ajoelhou ao lado de Aaron

e fez carinho em seus cabelos.

“Eu te amo”, ela disse.

“Calma...”

Shelly ainda tem dificuldade para explicar o que aconteceu em seguida. Com 1,68 m de altura, ela pesa 52 quilos. Aaron, dez centímetros mais alto, pesa 73. Normalmente, ela não aguenta com ele mais do que alguns segundos. Mas, no surto de adrenalina depois do acidente, Shelly conseguiu passar os braços do namorado ao redor dos seus ombros, baixar as mãos por trás para agarrar as pernas dele e começar a descer pelas pedras. Para descer pelas paredes verticais, ela precisou deslizar com as nádegas, apalpando o piso com as mãos e fazendo muita pressão com as costas para manter Aaron firme contra as rochas.

“Eu me apavorava com a ideia de que ele pudesse resvalar montanha abaixo”, contou.

“Fique comigo”, ela dizia a Aaron repetidas vezes. “Fique comigo.”

Gritou por socorro, mas o barulho da cachoeira encobria sua voz. Parece um pesadelo, pensava Shelly. Eu gri-

to, mas ninguém ouve. Quando chegou perto do sopé, a uns 800 metros do local onde Aaron escorregara, ela gritou por socorro para um grupo de pessoas que estavam numa piscina natural.

Atrás do volante de um Grand Cherokee, Vernon-John Gibbins seguia

com o jipe pela bela e isolada Rota 302 de New Hampshire, quando um carro da polícia o

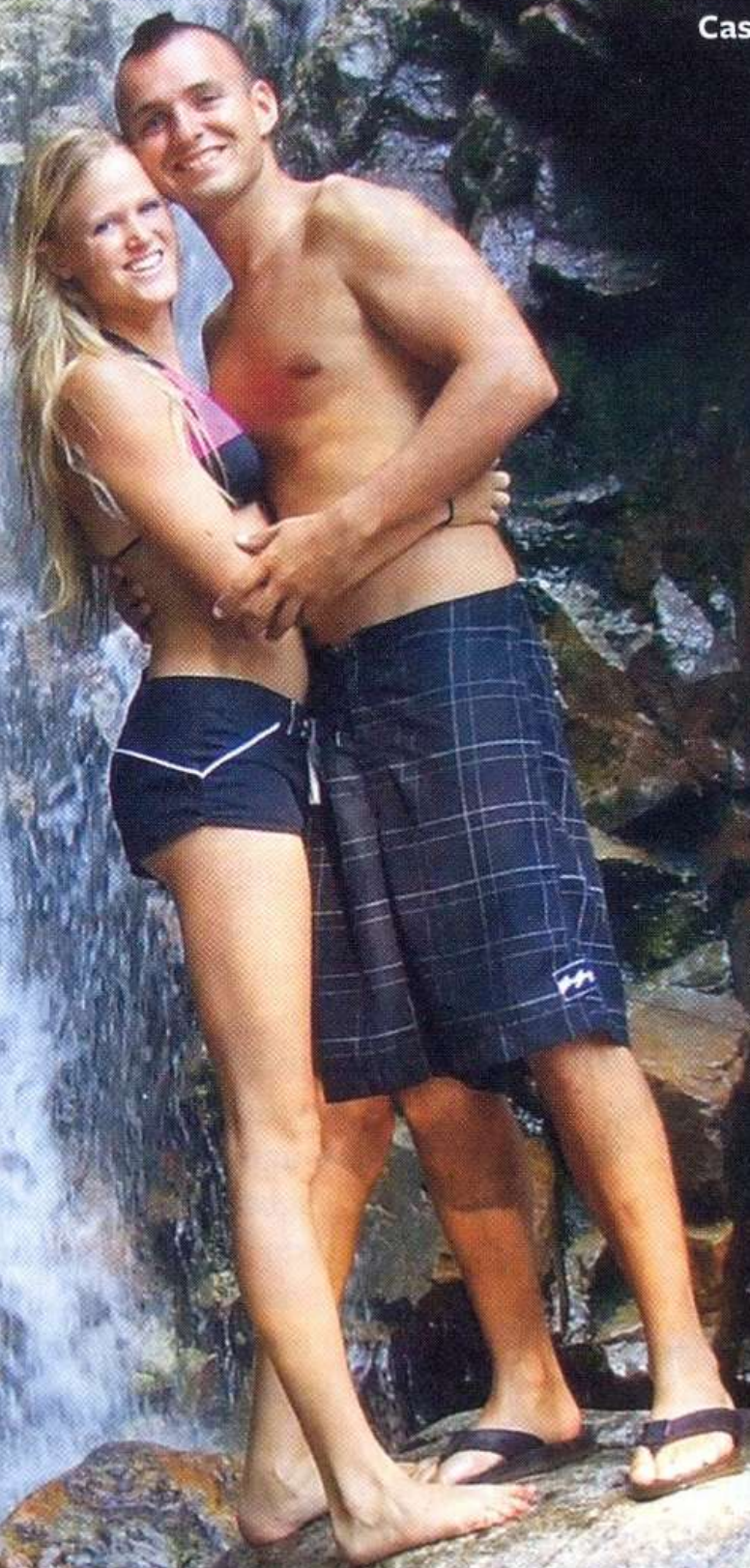
cortou e parou no acostamento. Enfermeiro especializado em tratamento intensivo, Gibbins estava a caminho de Camp Cedar, no Maine, onde passa os verões dirigindo o centro de saúde.

Quando viu o policial atravessar a estrada com um kit de primeiros socorros, correndo na direção da cachoeira, Gibbins parou o jipe e também correu para se juntar ao grupo que rodeava um Aaron fraco, mas consciente.

“Você vai ficar bom”, disse Gibbins a Aaron depois de examinar os ferimentos da cabeça e do braço. Mas não tinha tanta certeza. Uma das pessoas que estavam na piscina natural telefonara para o número da emergência, mas quanto tempo a ambulância levaria para chegar à área rural de New Hampshire?

Enquanto esperavam, Shelly, que já havia pego um vestido no carro, falava baixinho com Aaron e segurava compressas nos ferimentos. Em poucos minutos, porém, Aaron passou de calmo e coerente – sabia o próprio nome e que sofrera um acidente de

Aaron, de 24 anos,
e Shelly, 22,
pararam para uma
foto na Silver
Cascade logo antes
do acidente.



alpinismo – a agitado e agressivo, lutando com três homens, que tiveram de imobilizá-lo no chão. Gibbins reconheceu os sinais que denunciavam hemorragia cerebral, que faz pressão no crânio e, às vezes, deixa as vítimas desorientadas e violentas.

Shelly não sabe dizer como conseguiu carregar o namorado montanha abaixo. “Existem forças maiores do que eu.”

Passados 15 minutos, chegou uma ambulância com um técnico em atendimento de emergência, mas que não tivera o devido treinamento para administrar um sedativo a Aaron, necessário antes da inserção do tubo respiratório. Sem a entubação, ele não poderia ser transportado, pois havia o risco de ter uma parada respiratória no caminho. O técnico chamou um paramédico a fim de ajudá-lo.

A essa altura, Aaron xingava e continuava a dar socos. Mas mesmo assim, segundo Gibbins, parecia que ele sempre se acalmava ao ouvir a voz de Shelly. Então, ela se ajoelhou ao seu lado, segurando-lhe a mão, acariciando-lhe os cabelos e dizendo “Eu te amo... Fique quietinho”.

Na segunda ambulância, que demorou outros 15 minutos, chegou um paramédico que rapidamente aplicou o sedativo e inseriu o tubo respiratório. Mas, minutos depois, Aaron despertou e começou a puxar o tubo. Como estavam perdendo um tempo precioso,

resolveram transportá-lo – apesar da luta – pelas pedras e pelo mato até a ambulância.

Trinta minutos depois, já se achavam perto do Hospital Littleton. “Estamos quase chegando”, informou o motorista.

Graças a Deus!, pensou Gibbins, que acompanhara o casal. Mas ele temia que o pequeno hospital não estivesse equipado para tratar daquele tipo de trauma.

Assim que chegaram, levaram Aaron para o pronto-socorro. Ali, os médicos providenciaram um helicóptero para conduzi-lo ao Dartmouth-Hitchcock Medical Center, em Lebanon, onde poderia ser examinado por um neurocirurgião. Quando Gibbins se olhou no espelho do banheiro do pronto-socorro, viu que estava, da cabeça aos pés, banhado no sangue de Aaron.

Em Dartmouth, Shelly passou a noite num sofá no quarto do namorado. Quando acordou, sentiu de imediato o esgotamento da véspera. “Pratico corrida e já me machuquei de diversas maneiras”, disse. “Mas, literalmente, eu não conseguia me mexer.” E estava tão rouca que mal podia sussurrar. A dor física era complementada pela preocupação.

Os médicos mantiveram Aaron em coma induzido por dois dias, esperando que o edema do cérebro cedesse. A equipe médica não sabia prever qual seria seu estado ao acordar.

Shelly ainda estava à cabeceira da cama quando ele acordou. O médico mandou que Aaron mexesse os dedos dos pés, e ele mexeu. Depois Shelly usou um de seus sinais secretos: eles erguiam os dedos de modo a formar um padrão dois-dois-três – dois dedos, depois dois novamente, e em seguida três –, seu modo de dizer “Eu te amo”.

Quando ela fez o sinal, Aaron levantou a mão e fez o mesmo – e Shelly ficou aliviada.

Ela não era a única. Assim que Aaron conseguiu falar, Shelly ligou para o celular de Gibbins. “Tem alguém aqui querendo lhe dar um alô”, disse. Então Gibbins ouviu a voz de um jovem – “Oi, cara!” –, e começou a chorar.

“Eu sei que algo me levou àquela estrada naquele exato momento para poder ajudá-lo”, comentou Gibbins.

Além de escapar ileso dos danos cerebrais, Aaron também ficou apenas com algumas cicatrizes nos braços, nas pernas e na testa. “Ele as chama de cicatrizes do guerreiro”, revela Shelly. Aaron quase não se lembra do que aconteceu depois que escorregou, mas se recorda de Shelly lhe pedindo que não caminhasse dentro d’água. “Acho que depois disso tudo nós sossegamos um pouco”, declara Aaron. “O acidente diminuiu a minha ousadia.”

Shelly tem esperanças de que no “futuro direi ‘Aaron, não faça isso’, e talvez ele pense duas vezes”. Ela não sabe dizer como conseguiu carregá-lo montanha abaixo. “Olho para trás e penso: *Como foi que eu consegui?* E isso me faz pensar que, decididamente, existem forças muito maiores do que as minhas.”

SAIU NOS CLASSIFICADOS

Se alguma coisa estranha já passou pela sua cabeça, pode ter certeza de que passou pelos classificados... Vejam estes anúncios:

“Quero alugar o banheiro do meu apartamento, no East Village. O inquilino, quando estiver em casa, deve permanecer no banheiro, mas tem de sair de lá quando eu precisar usá-lo. Não me sinto à vontade com um estranho andando pela casa.”

“Procuro damas de honra. Meu noivo tem oito pajens, enquanto eu só tenho uma dama de honra. Preciso de mais sete garotas bonitas, que tenham mais ou menos a minha idade, para participar do meu casamento. Têm de ser bonitas, mas não mais do que eu.”



Telegraph, Reino Unido